A nossa fé sustenta-nos caminhando sobre as águas?

Irmãs e irmãos em Cristo, que a paz do Senhor inunde a vida de vocês!

Neste décimo nono domingo do Tempo Comum, temos como leitura evangélica a passagem bíblica na qual Jesus caminha sobre as águas indo ao encontro de seus apóstolos que se encontravam temerosos em uma barca agitada pelas ondas. Esse episódio dá sequência à multiplicação dos pães, refletido na semana anterior.

Convido a todas e todos a lerem a referida passagem e, em seguida, refletirem conosco sobre ela.

Logo depois, Jesus obrigou seus discípulos a entrar na barca e a passar antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia a multidão. Feito isso, subiu à montanha para orar na solidão. E, chegando a noite, estava lá sozinho. Entretanto, já a boa distância da margem, a barca era agitada pelas ondas, pois o vento era contrário. Pela quarta vigília da noite, Jesus veio a eles, caminhando sobre o mar. Quando os discípulos o perceberam caminhando sobre as águas, ficaram com medo: É um fantasma! disseram eles, soltando gritos de terror. Mas Jesus logo lhes disse: Tranquilizai-vos, sou eu. Não tenhais medo! Pedro tomou a palavra e falou: Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti! Ele disse-lhe: Vem! Pedro saiu da barca e caminhava sobre as águas ao encontro de Jesus. Mas, redobrando a violência do vento, teve medo e, começando a afundar, gritou: Senhor, salva-me! No mesmo instante, Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste? Apenas tinham subido para a barca, o vento cessou. Então aqueles que estavam na barca prostraram-se diante dele e disseram: Tu és verdadeiramente o Filho de Deus. (Mt 14:22-33)

Antecedendo a passagem acima apresentada, logo antes da multiplicação dos pães, ao tomar conhecimento da morte de João Batista, Jesus afastou-se para orar, até encontrar a multidão ávida pela cura, de seu corpo e de sua alma. Na passagem de hoje, após apontar o caminho da travessia para os discípulos e dispersar a multidão que havia recebido do Mestre o alimento material e o espiritual, novamente, afasta-se para orar em solidão.

Lembremo-nos que a oração, não somente indicada por Jesus através de palavras, mas de seu próprio exemplo, é o caminho para nossa alimentação espiritual, a nossa preparação para o cotidiano, independentemente das condições que nos encontramos. A oração alivia nossa tristeza, pois nos oportuniza a entrega de nossa vida nas mãos do Senhor, tendo em vista que a fé não muda os fatos que nos faz sofrer, mas nos dá suporte para melhor enfrentá-los. Igualmente, a oração é importante nos momentos de alegria e de realização, pois vivenciamos o louvor de agradecimento ao verdadeiro responsável pelo momento feliz que estamos passando. Nas dúvidas e aflições, a oração nos fortalece, ao assumirmos diante do Altíssimo que nada somos sem ele na condução de nossa vida e que, independentemente do ocorrido, ele é o verdadeiro e único timoneiro de nosso barco. Enfim, em todos os momentos, a prática orante, a forma de relação pessoal e íntima com Deus, é a verdadeira sustentação para o nosso seguro caminhar cotidiano. Esse foi um dos destacados exemplos deixados pelo próprio Cristo Jesus.

Vejam que Jesus dispersou a multidão e orientou seus discípulos a atravessarem o lago (o Mar da Galileia) indo, em seguida, orar. Certamente exausto, pelo intenso dia junto a multidão que o buscava. Mesmo assim, afastou-se e manteve-se em oração, em íntima conversa com o Todo-poderoso por muitas horas, até porque foi ao encontro de seus discípulos, como nos diz as escrituras, por volta da quarta vigília da noite, o que corresponde às três horas da manhã. O cansaço não o impediu à prática orante. Reflitamos e aprendamos com isso. Quantas vezes utilizamos desculpas diversas para não nos relacionarmos com o Pai em oração? Tristeza, cansaço, angústia, momentos de celebração por situações exitosas, enfim, fugimos de nossa verdadeira sustentação, de nossa principal alimentação, ao nos envolvermos com questões frugais e passageiras!

Voltemos à passagem!

Nas interpretações tradicionais, o barco onde se encontram os discípulos para a travessia indicada por Jesus vem sendo considerado como a Igreja, ou o veículo que nos ajuda a fazermos a passagem para a outra margem, qualquer que seja ele. É o meio de transposição do mar de nossa vida, em muitas vezes, como estavam os discípulos, com o vento contrário e sendo açoitados pelas ondas.

Sem dúvida que, a travessia indicada por Cristo Jesus é o dia-a-dia que vivemos: as calmarias e os vendavais, o sol e a noite, o céu azul e as tempestades, ou seja, o cotidiano com seus obstáculos e dificuldades, juntamente com os aparentes momentos de tranquilidade, pelos quais passamos ao longo de nossa passagem por este mundo. Porém, o barco, creio eu, poderia ser qualquer meio que nos faz sentir mais seguros em tal travessia, e ao qual se aproxima, em horários diversos e inesperados, o nosso Salvador. Como podemos ir contra a vontade salvífica universal de Deus, amor em essência, criador de tudo e de todos, sem escolhidos ou excluídos? Não seria esse o nosso Deus misericordioso e sempre presente, aproximando-se, continuamente, de todos os seres, de forma indiscriminada?

Interessante atentarmos que, na passagem evangélica, diante do perigo, da angústia, do medo, sequer imaginaram os discípulos que aquele que se aproximara era o próprio Jesus, e amedrontaram-se. Estavam no mar revolto, o qual, segundo o imaginário à época, era o local onde habitavam os espíritos maus, os monstros, era um mundo dominado pelo mal. Quem mais, além de um “fantasma” poderia ser esperado, tão tarde da noite, no mar agitado, no mundo dos maus espíritos?

Não haveria similitude com nossos encontros com o Altíssimo em momentos de grande dificuldade em nossa vida, em meio à guerra de nosso cotidiano? Por que não pensamos que, mesmo os aparentes “fantasmas”, poderiam representar a presença do próprio Salvador em nossa vida? Como nos aterrorizamos diante das tempestades rotineiras, esquecendo-nos da presença constante de Deus conosco!

Cristo Jesus não apenas foi ao encontro dos discípulos temerosos durante sua travessia, mas o foi sobre as águas, claramente demonstrado ser o senhor de todas as coisas, estando acima do bem e do mau, inquestionavelmente aquele que subjuga o poder da maldade, direcionando-se para a sustentação dos discípulos amedrontados diante do perigo.

Como sempre, Pedro, com a pouca fé característica dos seres humanos, mas com a força evidente do líder escolhido por Jesus, toma a frente, apesar do temor, ao ouvir a voz do Mestre. Eis o contraste que os homens de fé experienciam com frequência, pois vivem diante do conflito entre as limitações humanas e a busca incessante pelo Salvador. Avança-se, então, Pedro, atirando-se ao mar, conseguindo superar o medo pela confiança, e crendo na possibilidade de ir ao encontro de Jesus, igualmente a ele, sobre as ondas do mar.

Ocorre que, ao redobrar a violência do mar, a caminhada inicial de Pedro, segura e confiante sobre as águas, passa a ser substituída, novamente, pelo terror, pelo medo das intempéries, pelo receio diante das adversidades, levando-o, então, a afundar-se. Mas como um homem de fé, apesar das limitações humanas, da fragilidade de nossa condição, crê na presença e no auxílio de Deus e roga por sua ajuda, clama por seu apoio. Como sempre, de imediato, Jesus o acolhe e o transporta a salvo para dentro do barco.

Lembrou-o, Jesus, assim como a nós, que a fé é capaz de nos conduzir por sobre as águas, por sobre os obstáculos, no enfrentamento das dificuldade. Porém, a nossa pouca fé, assim como a de Pedro, ainda nos faz afundar, ainda não nos permite caminhar só. Precisamos sempre das mãos de Deus para nos conduzir em nossa travessia e da sua presença em nossa vida. Igualmente como no barco onde estavam os discípulos, quando Jesus nele subiu e o vento contrário cessou, as dificuldades em nosso cotidiano, com a nossa fé na força de Deus, são tranquilamente enfrentadas e superadas.

Nossa vida, nossa travessia, sempre será agitada pelos ventos contrários, constantemente temeremos diante da possibilidade de sucumbirmos. Porém, além do apoio que podemos e devemos dar, uns aos outros, entre nós que estamos juntos no barco, naveguemos, sempre, com a presença de Deus. Presença essa disponível incessantemente, dependendo, somente, do nosso aceite. É o que se chama de experiência de Deus. Experiencia-lo é, além de todas as práticas religiosas e litúrgicas, uma vida em oração, a verdadeira prática orante, estando, permanentemente, com ele em nosso barco, intimamente interagindo com ele e buscando nele as forças necessárias para amenizar a violência dos ventos contrários, possibilitando-nos que, igual a ele, andemos sobre o mar revolto em direção à santidade. E quando falamos em oração, estamos indo além dos joelhos no chão. Estamos em busca da vida orante que é viver a oração em nossa prática diária, em nosso relacionamento, em todos os momentos de nossa vida, de nossa travessia.

Realidade ou simbolismo, o que importa é que esta passagem nos exorta à fé, uma fé viva, atuante, cotidiana, a qual nos possibilita o enfrentamento das adversidades diárias e, da mesma forma, junto com Cristo Jesus, irmos ao encontro do próximo. Todos estamos no mesmo mar agitado e, constantemente, com ventos contrários, e somos convocados, assim como na distribuição dos pães, mesmo tendo pouca quantidade para faze-lo, a irmos ao encontro dos nossos irmãos, conhecido ou desconhecido, amado ou odiado, próximo ou distante, para que possamos nos fortalecermos mutuamente durante a travessia. Não tenham dúvida de que, quanto mais próximos estivermos de nossos irmãos, quanto mais compassivos formos com eles, maior será a nossa proximidade com Deus, maior será nossa fortaleza, sustentando-nos e possibilitando-nos ao nosso caminhar por sobre as agitadas ondas da vida.

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre na vida de vocês!

Padre João Milton Menezes